

Vou levar a Vida que quero viver! Mas e ser não der certo?

Sempre que buscamos um equacionamento para a vida profissional e a vida que se quer levar, nos deparamos com várias questões:

1. Carreira é um assunto tão importante, um patrimônio tão pessoal e intransferível para uma pessoa, mas tão importante que seria um alto risco deixar que outra pessoa ou entidade tomasse conta dela;
2. Por ter altíssima importância para a pessoa, ela precisa ser pensada, equacionada, revisada de tempos em tempos e não dedicamos tempo para esse trabalho, sim... disse trabalho: pensar na sua própria carreira, no seu próprio patrimônio dá trabalho;
3. Quando decidimos pensar um pouco no tema percebemos que não temos formação necessária pra “pensar”, ou seja, não temos método, não temos dados enfim não sabemos como fazê-lo;
4. Assim sendo precisaríamos de ajuda externa e isso custa e se custa a gente não paga porque é mais despesa pessoal de curto prazo e assim por diante. Neste sentido sempre recomendo um livro que é um grande exercício de planejamento de carreira, mas ninguém compra e se compra arquiva na estante.
5. Por outro lado quando nos auto determinamos a pensar no assunto ele se encaixa em buracos de tempo disponíveis e não em tempo dedicado exclusiva e efetivamente.

Fato concreto é que o principal verbo que resume o quadro é **procrastinar**, empurrar com a barriga o pensamento e as decisões de carreira a seguir, mas o problema é que enquanto não decidimos o que fazer, os outros vão decidindo o que nós devemos fazer em termos de vida e de vez em quando a gente acorda e lá se foram preciosos sete, oito, nove anos de vida ”levada” e não conduzida.

Obviamente que não pensar na sua própria carreira tem seus benefícios, pois a vida vai acontecer, os fatos vão acontecer e de forma oportunista a pessoa pode ir angariando bons e às vezes até ótimos passos na carreira sem ter “perdido o tempo em pensar”.

A vida é arriscada esteja você com um bom planejamento do que fazer ou sem planejamento, pois o mesmo não te garante assertividade, ou seja, o risco sempre existe e é alto. Quem decide qual o tamanho do risco a correr é a própria pessoa, o dono da sua própria vida, do seu próprio patrimônio e da sua carreira.

Dias destes, encontrei-me com o filho de um velho amigo e o “menino” já com 35 anos se deparou agora com uma formação acadêmica básica, sem especializações e experiência em apenas duas empresas e em funções operacionais sendo que a última resolveu fazer mudanças estruturais sérias e ele teve que ir a mercado. Todo o currículo de 15 anos de vida em empresas e escola não passa de uma página e mesmo assim não pode espremer muito. A pergunta feita é a básica e de sempre: o que fazer nesta altura do campeonato?

É só olhar nas questões do início que o diagnóstico está lá e quando a recomendação é pense no que você vai fazer, a resposta está pronta: mas o que é que você me recomenda? Neste caso a recomendação é chorar um pouco, levantar a cabeça e seguir os passos de planejar a carreira ou continuar oportunisticamente andando pela vida... ou seja o risco continua teu!

Caso interessante este é que este rapaz é assíduo praticante de vários esportes e gosta de boas festas – quem não gosta – e enquanto a sua carreira dormia ele “curtia a vida!” chegou a hora de pagar o preço! Se você leitor fosse pago por ele para equacionar o momento e daqui para a frente, quais seriam suas recomendações?

Não sei suas recomendações para o rapaz, mas com certeza seriam as mesmas que você seguiria se a situação fosse sua e você estivesse sob o comando dela: o que você faria?

Sempre penso em **vida que se quer levar** da mesma maneira, ou seja, encaixando o trabalho, o desenvolvimento pessoal, a saúde, a rede de relacionamento e a diversão num mesmo plano, pois a hora que decido dar mais ênfase a uma variável, automaticamente prejudico ou alavanco as outras. Acredito que este balanceamento deve mudar de tempos em tempos e gosto de pensar em ciclos:

1. Os primeiros 15 anos (15 a 30) são para ver a vida, sentir os caminhos, ousar na arrogância, quebrar os próprios tabus, pois temos muita energia, mas pouquíssimo direcionamento;

2. Os segundos 15 anos são bem mais complexos, os erros de balanceamento são corrosivos e as penalidades são altas (caso do filho do amigo de 35 anos), mas se tem uma grande vantagem: a energia ainda é alta e a cabeça se auto regula de acordo com o risco que se apresenta.
3. Os terceiros 15 anos são fatais, pois a pessoa vai ter que buscar um balanceamento diferente dependendo do resultado do ciclo anterior e talvez já tenha que ir se acostumando com as perspectivas que ele próprio plantou ou deixou crescer ao seu redor;
4. Finalmente os últimos 15 a 20 anos onde a energia já pertence à palavra “ou” (ou faz isso ou faz aquilo), o auto desenvolvimento já se torna uma necessidade para viver socialmente e nesta hora não é tão vantajoso fazer planejamento de vida e carreira.

Dentro destes ciclos acredito piamente que planejar a carreira seja um ato higiênico, um ato de reduzir riscos, um ato de tratar as oportunidades dentro de uma linha coerente de ação. Também acredito que planejando o que fazer, onde estar, onde se desenvolver vai ao longo do tempo te dando mais tempo livre, pois você aproveita as oportunidades que te interessam e não aquelas que interessam somente aos outros.

As empresas podem te ajudar nesse “pensar” constante, através de oportunidades, ferramentas, orientações e treinamentos, mas note bem “ajudar” e não assumir. Atualmente várias organizações já têm movimentos estruturados nesse sentido e tem auxiliado seus funcionários-chave a pensar no assunto e a decidir seus próprios rumos tanto dentro como fora da dela. Se você estiver numa destas, use os mecanismos, abuse deles, mas não perca de vista a propriedade de sua vida e carreira. Se você não está numa delas, adote seus próprios mecanismos, busque ajuda na hora certa que é exatamente a hora que você não precisa pensar no tema. Não **procrastine** a sua própria vida em prol do seu próprio conforto de curto prazo.

Entenda que lidar com sua carreira é liderar você mesmo, com e contra seus hábitos, suas manias, seus costumes. Existem algumas premissas para se assumir este dificultoso papel de autogerenciamento:

1. O futuro chega e o seu já chegou: é você pode estar deixando o futuro passar por você;
2. O estresse é maior se a gente não sabe o que fazer. Se soubermos o que fazer também existirá pressão, erraremos na execução, mas manteremos o rumo. Vida calma existe sim, mas é pós-morte!
3. O equilíbrio emocional é metade do caminho. Chatear-se com as adversidades é normal, o que é anormal é se auto flagelar gerando maior negatividade, dando maior peso a agonia. Costumo dizer que desequilibrar-se emocionalmente e ter que se reequilibrar são dois trabalhos, portanto tente manter a linha e não sofrer tanto emocionalmente com as adversidades de qualquer organização evitando assim mais trabalho desnecessário;
4. Trabalhe para os outros e não para você; esta é a única forma de ser reconhecido;
5. Avalie constantemente suas necessidades e seus interesses pessoais, mas de forma genuína e não leviana, interesseira e conformista.

Se eu pudesse dar um único foco a toda esta argumentação e tentativa de convencer o leitor a pensar de forma responsável para consigo mesmo, eu diria que quanto maior a sua **confiança** nas suas próprias qualificações e na sua estratégia, maior será sua segurança em lidar com os obstáculos e seu prazer pelas suas realizações. Se as expectativas definidas são frustradas, se as suas necessidades não são satisfeitas, então a sua segurança fica ameaçada e você se torna desconfiado. Essa desconfiança pode levar a pessoa a recusar a vida positiva e construtiva e a sensação de que tudo conspira contra você ficará instalada. Portanto, confiar e viver positivamente são os ingredientes (pozinho) que dá liga a massa de seu crescimento, reconhecimento e satisfação no que faz.

É necessário ainda colocar a questão de quais passos para você planejar sua carreira, seu verdadeiro patrimônio:

- Primeira condição é básica: gostar das suas competências e vibrar com suas habilidades. Se você não gosta muito e não se aguenta mais, a mudança é mais profunda em você mesmo porque tudo vai virar dever e pensar na tua vida, no teu patrimônio tem que ser um prazer de colocar suas competência e habilidades a serviço de outros.

- Segundo: avalie sua situação vendo em qual ciclo você está, se está atrasado ou adiantado, veja sua lista de competência, de habilidades e de relacionamentos não somente na organização mas em todos os locais que você frequenta.
- Terceiro: faça uma revisão nos seus relacionamentos e descubra quem são os seus conhecidos -ou não - que demonstram muita energia, muita dedicação, reconhecimento efetivo entre outros fatores e que você precisa alavancar em você mesmo. Eleja a pessoa como espelho e passe a observá-la mais de perto para conseguir enxergar como ela faz aquilo que te falta acontecer.
- Quarto: identifique suas forças e fraquezas, faça sua análise estratégica e não procure eliminar suas fraquezas (dá muito trabalho e de resultado duvidoso) , vise aumentar ainda mais suas forças e incrementar novas fortalezas.
- Quinto: identifique seu mercado ou seja, onde estão suas oportunidades, onde estão seus espaços a conquistar, faça uma lista e se sua lista ficar em branco, volte ao item anterior.
- Sexto: olhe o tempo em perspectiva. Olhe dois, três anos atrás e veja o que você fez que incrementou seu espaço e aí sim olhe para frente. Não faça uma análise simples da sua situação hoje, pois ela pode ser momentânea e não faz sentido.
- Sétimo: faça seu plano e o coloque onde possa mês a mês acompanhar e o revise sempre que necessário, mas sempre olhando em perspectiva e não em cima d fatos diários.
- Oitavo e último: faça o que planejou e procure usa o teu plano como uma trilha, faça curvas, desvie, mas mantenha a direção. Depois de alguns anos olhe para trás e verá o quanto andou e o que te alavancou e aí, volte ao item primeiro.

Finalizando, deixe as intrigas e as injustiças de lado. Elas fazem parte de qualquer aglomerado humano ou não. Não viva o lado escuro da vida e do trabalho, pois ele te envolve, te torna invisível na fumaça e finalmente te leva junto com aqueles que debitam a terceiros a sua vida, seu bem estar e os riscos envolvidos das decisões próprias.